NOTA ECONÔMICA SEMANAL

COMENTÁRIO MACROECONÔMICO

Com mais incerteza e riscos para a inflação, o mercado projeta a interrupção do ciclo de cortes de juros pelo Copom na reunião da próxima semana. Mantemos nosso cenário base de corte de 0,25 p.p., porém, não descartamos uma pausa justificada pela incerteza elevada no horizonte.

A semana foi marcada pela reação do mercado doméstico ao 2º turno das eleições. O resultado diferente do projetado pelas pesquisas provocou um ajuste intenso de preços. A forte aversão ao risco reflete a dúvida sobre a condução do ajuste fiscal. O mercado parece bucar ao menos um sinal de que o ritmo de avanço da dívida pública vai desacelerar. Enquanto esse sinal não vem, o Ibovespa recuou 18% na semana, o real se desvalorizou 8,8% frente ao dólar e os juros futuros superaram 15% nos vencimentos mais longos.

Nesses momentos, o mais recomendado é agir com cautela e evitar precipitação, pois a volatilidade pode afastar os preços dos ativos de seus fundamentos. Em outras palavras, agir no pânico pode não ser prudente e gerar perdas. Por isso, seguir uma estratégia de alocação de longo prazo continua sendo o caminho mais sensato.

Daqui para frente, os investidores aguardam os nomes da equipe econômica e medidas que indiquem equilíbrio das contas públicas. Se essas definições demorarem, novos episódios de estresse não podem ser descartados.

Na próxima semana, o Copom decide a Selic, e o mercado atribui 30% de chance de um novo corte. O comitê enfrenta uma escolha delicada. Seguir cortando pode ser lido como tolerância aos riscos inflacionários. Ao mesmo tempo, os juros elevados e a desaceleração da atividade abrem espaço para reduzir o grau de aperto. Tecnicamente, a pausa talvez fosse a opção mais indicada, mas pode ter um custo político. O relatório Focus de terça-feira será um insumo relevante, já que a depender do grau de piora das expectativas, as projeções de inflação do comitê serão elevadas.

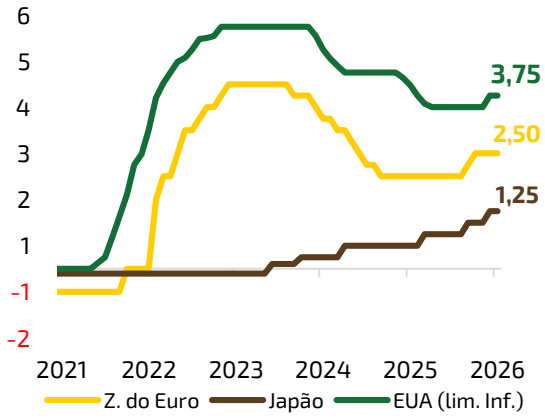
Nosso cenário base é um corte de 0,25 p.p., acompanhado de um comunicado duro, com ênfase no risco de elevação da inflação e na política fiscal, e com a sinalização de que o ciclo poderá ser interrompido na próxima reunião caso o quadro piore. Porém, não descartamos que a pausa venha já agora, justificada pela incerteza elevada no horizonte.

Em qualquer dos casos, os riscos inflacionários se acumulam: El Niño, preços de diesel represados, fim da escala 6x1 e início da CBS. Somam-se a isso contas públicas mais pressionadas e câmbio mais depreciado. O resultado tende a ser um ciclo de cortes mais raso, com a Selic ao fim de 2027 mais próxima de 13% a.a. do que dos 11,50% a.a. que projetávamos anteriormente.

ECONOMIA INTERNACIONAL

Nos Estados Unidos, o Fed manteve a faixa-alvo dos Fed Funds entre 3,75% e 4,00%, em decisão aprovada por 10 votos a 2 e em linha com as expectativas do mercado. O comunicado reforçou a avaliação de uma economia resiliente, mas destacou a persistência da inflação em níveis elevados e as incertezas no cenário geopolítico. Na mesma direção, **o Banco do Japão e o Banco Central Europeu mantiveram suas taxas de juros em 1,25% e 2,5%, respectivamente**, conforme esperado. Em relação aos indicadores econômicos, o PIB dos EUA avançou 3,4% no terceiro trimestre de 2026, superando a projeção de 3,2% e evidenciando a resiliência da demanda doméstica. Por sua vez, o PCE, índice de preços dos gastos com consumo pessoal e importante referência de inflação para o Fed, acelerou em setembro, levando a inflação cheia a 3,6% e o núcleo a 3,1% em 12 meses. A combinação de atividade aquecida e inflação persistente reforçou as expectativas de uma possível alta de juros na próxima reunião do Fed.

Taxas básicas de juros
(% a.a.)



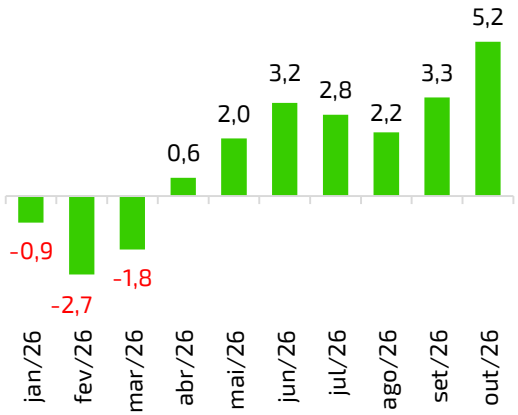
Fonte: Fed, ECB, BoJ.

ECONOMIA BRASILEIRA

O Índice Geral de Preços (IGP-M) avançou 1,47% em outubro, após alta de 1,57% em setembro, elevando a variação interanual para 5,24%. O resultado refletiu uma leve desaceleração dos preços ao produtor, embora ainda haja pressão sobre os alimentos in natura, afetados por problemas climáticos, e sobre a energia, em razão da alta do petróleo. Já o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) desacelerou em relação ao mês anterior, beneficiado principalmente pela queda das tarifas de energia elétrica residencial, apesar de os alimentos in natura seguirem como ponto de atenção, com destaque para a alta de 10,6% nos preços de hortaliças e legumes.

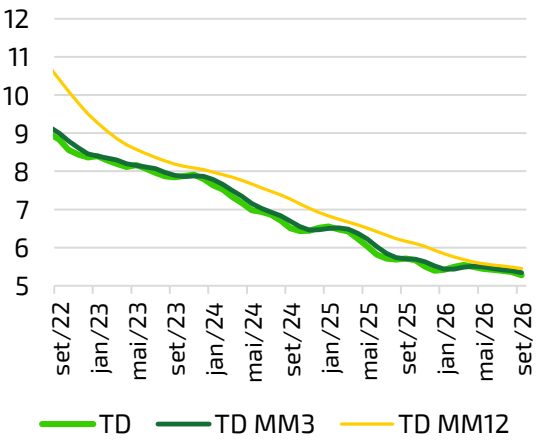
No mercado de trabalho, **a PNAD de setembro mostrou recuo da taxa de desemprego para 5,15%, ante 5,29%** no mês anterior, na série observada, e de 5,36% para 5,28% na série com ajuste sazonal. O salário real médio avançou 0,2% m/m, e a massa de rendimento real do trabalho cresceu 0,4% m/m, revertendo a fraqueza dos últimos meses, o que tende a sustentar o consumo no curto prazo. **Projetamos taxa de desemprego média de 5,4% em 2026 e de 5,6% em 2027, com desaceleração correspondente do salário real de 3,9% para 2,8%.**

Inflação | IGP-M
(% a/a)



Fonte: FGV.

Taxa de desocupação
(% da força de trabalho, a.s.)



Fonte: IBGE.

30 de outubro de 2026

NOTA ECONÔMICA SEMANAL

AGENDA DE DIVULGAÇÕES

segunda 02/11	Feriado nacional – Brasil Índice ISM da indústria de transformação (out.) – EUA PMI Industrial (out.) – Zona do Euro e EUA PMI Composto (out.) – Alemanha
terça 03/11	Boletim Focus (semanal) – Brasil Relatório Jolts (set.) – EUA Eleições parlamentares (*midterms*) – EUA PMI Composto (out.) – China
quarta 04/11	Caged: geração de emprego formal (set.) – Brasil Decisão de política monetária (Copom) – Brasil PMI Composto (out.) – EUA, Zona do Euro, Alemanha Inflação ao consumidor (CPI) (out.) – Zona do Euro Emprego no setor privado (ADP) (out.) – EUA
quinta 05/11	Produção industrial (set.) – Brasil Inflação ao produtor (PPI) (set.) – Zona do Euro Decisão de política monetária – Reino Unido
sexta 06/11	Balança comercial (out.) – Brasil Vendas no varejo (out.) – Zona do Euro Taxa de desemprego (*payroll*) (out.) – EUA Expectativas de inflação Univ. de Michigan (nov.) – EUA

Nossas projeções

SELIC

Out-26	2026	2027
13,75%	**13,25%**	**11,50%**

PIB

2025	2026	2027
2,3%	**1,8%**	**1,1%**

IPCA

Set-26	2026	2027
4,6%	**5,3%**	**4,6%**

TAXA DE CÂMBIO (R$/US$)

Set-26	2026	2027
5,17	**5,00**	**5,10**

Sicredi

Disclaimer: Esse documento foi produzido pela Gerência de Análise Econômica do Banco Cooperativo Sicredi S.A. e tem por objetivo fornecer informações de indicadores econômicos. Ressaltamos, no entanto, que as análises bem como as projeções contidas refletem a percepção da Gerência de Análise Econômica no momento em que o texto é produzido, podendo ser alteradas posteriormente. O Banco Cooperativo Sicredi S.A. não se responsabiliza por atos/decisões tomadas com base nos dados divulgados nesse relatório.